

### 3.56 GIA: a arte como um exercício experimental de liberdade

Priscila Valente Lolata\*

**Summary.** *This text is an analysis of some art interventions of GLA group that, with 'humor' and reflection, scatter artistic works in the city and instigate the spectator to leave a passive situation, demanding participation and co-authorship, in proposals that question public space, street culture and human relations.*

**Keywords:** *Brazilian contemporary art, participatory art, artistic intervention urban public space.*

**Resumo.** *Este texto é uma análise sobre algumas intervenções de arte contemporânea do coletivo GLA que, com humor e reflexão, propõe trabalhos artísticos na cidade e instiga o espectador a sair de uma situação passiva, demandando a participação e a co-autoria, em proposições que fazem refletir sobre o espaço público, a cultura das ruas e as relações humanas.*

**Palavras Chave:** *arte contemporânea brasileira, arte participativa, intervenção artística urbana, espaço público.*

#### Introdução

Diante de novos parâmetros de concepção das artes visuais, esta comunicação pretende analisar a atuação artística do GIA – Grupo de Interferência Ambiental. O grupo, que é formado por artistas visuais e designers e surgiu em 2002, na Bahia, tem como principal proposta, a atuação em espaços públicos. O GIA faz intervenções artísticas na cidade capturando problemas, consensos e *nosense* através de uma poética subliminar, que muitas vezes recupera a memória do transeunte sobre um ser urbano, aquele que vivencia, experimenta e atua na cidade. A cidade é tida como espaço de proposições com linguagens contemporâneas que instigam o olhar e a percepção do cidadão e o coloca como integrante do espaço urbano e não como mero espectador.

Com essa linha de produção, o GIA faz intervenções em diversas cidades do Brasil e em alguns países da Europa como a Espanha, a Alemanha e a Holanda. Em todos os locais onde o grupo realiza seus

trabalhos, ele propõe um diálogo, uma interação com as pessoas do local, numa troca mútua. É perceptível que a poética do grupo tem seus alicerces na simbiose arte-vida, nos movimentos artísticos contemporâneos existentes desde a década de 1960, sobretudo nas obras de artistas brasileiros como Hélio Oiticica, Artur Barrio, Cildo Meireles e Paulo Bruscky.



Figura 1. QG do GLA montado em Sitard, Holanda (GIA, 2009).

Percebe-se uma tomada de posição nas proposições do GIA. Uma referência a essa atitude é encontrada no *Esquema geral da Nova Objetividade* escrito por Hélio Oiticica (1967), no qual ele fala da *Tomada de posição em relação a problemas políticos, sociais e éticos*, pelos artistas. Neste texto é tratada a necessidade urgente de formular os problemas de abordagem no campo criativo e a relação político-social, que está presente na linha da *arte participativa*. Segundo Oiticica, Ferreira Gullar diz que o artista não deve deter-se em transformações no campo estético. Deve tratar de questões mais amplas, que criem bases para uma totalidade cultural transformadora da consciência humana. Que transforme o homem, de espectador passivo diante dos acontecimentos a um participador ciente, agindo como lhe for

\* Brasil, Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo e mestre em História da Arte (UFBA). Pesquisa atualmente intervenção artística na cidade contemporânea e atua como artista, curadora independente e crítica de arte.

possível. O GIA por sua vez, trabalha com uma amplitude de formulações artísticas que instigam nas pessoas a atitude e a consciência do seu entorno.



Figura 2. O interior do *QG do Pelô*, em Salvador-BA (GIA, 2009).

### 1. Um momento de convivência e apreensão estética

Tendo a participação do sujeito um fato que permeia praticamente todo o trabalho do GIA, o público é sempre parte importante, pode-se dizer até fundamental, para a realização de suas propostas artísticas. Os estímulos a essa interação vem de proposições estéticas simples e lúdicas que resgatam modos de convivências cotidianas que estão se perdendo na contemporaneidade.

O GIA tem uma proposta, uma espécie de instalação, que leva o nome de *QG do GLA* e propicia uma vivência poética amplificada, capturando os sentidos do público com as mais diversas abordagens. Quando o *QG do GLA* foi montado no Museu de Arte Moderna da Bahia, em 2008, o museu, que fica localizado ao lado de uma localidade de baixa renda, denominada Gamboa de Baixo, recebeu visitantes pouco comum, que normalmente não frequentam o MAM:

*Com o lema “acredite nas suas ações!” faça, e “observe as reações” o GLA pendurou sua lona amarela por todo o MAM e pôde observar – não só eles como todos que por ali passaram – a incorporação daquele espaço pela cidade que o rodeia, borrando os limites que separam aquela instituição artística dos seus vizinhos, moradores de um casario precário, que, assim como o GLA, se viram com o que tem (Fonseca e Rocha, 2008).*

O *QG* também foi montado na mostra paralela da 27ª ARCO, a Feira Internacional de Arte Contemporânea de Madri, em 2005, na exposição *Brazilian Summer, Art & the City*, organizada pelo Herewith Museum Het Domein, em Sitard, Holanda, em 2009 (Figura 1) e no Pelourinho - Centro Histórico de Salvador (2009), todos como local de diversos acontecimentos, encontros, articulações e experiências estéticas.

### 2. Um degrau de acesso

Fora dos espaços institucionalizados da arte, o GIA, além de instigar a participação em suas intervenções, possibilita aos transeuntes uma percepção diferenciada sobre a cidade e sua composição. Um detalhe sutil da vida urbana no transporte público: a constatação e indagação do porque os ônibus urbanos de Salvador têm os acessos de entrada e saída dos veículos tão altos, sensibilizou o grupo e ativou a criação de uma forma de intervenção/*performance* incomum, um degrau

portátil (Figura 3), que facilita o acesso ao transporte coletivo público, diminuindo assim, a altura entre o chão e a porta. Ao dar acessibilidade a um serviço público urbano, a intervenção ativa a percepção e gera uma reação que atina o participante/espectador para o fato. O simples objeto pode ser o elemento propulsor de um questionamento pertinente ao direito do cidadão: a acessibilidade física. A ação artística pode provocar conexões com outras estruturas equivocadas que contrapõe

ao que Henri Lefebvre (2001) formula como *o direito à cidade*. É a arte contemporânea situada com questões sociais sutis do cotidiano de uma grande cidade.



Figura 3. Degrau do GIA, intervenção realizada em Salvador – BA (GIA, 2009).

Através do *Degrau do GIA* (Figura 3) aquilo que está determinado e padronizado no transporte público é violado pela intervenção artística. Essa linha de proposição pode ser considerada arte contextual. Conforme Paul Ardene (2002), a arte contextual não possui intermediação, tem relação direta com a realidade bruta. Assim, as intervenções artísticas na cidade, que estão focadas num determinado contexto, se distinguem pela concepção do artista ter, de forma consciente, relação com as circunstâncias tratadas por ele. O que fica claro no *Degrau do GIA*.

### 3. Um flutuar no espaço público

As propostas do GIA dialogam, quase sempre, com as relações da cidade. Dessa forma, a ocupação do espaço público e sua utilização, desdobrada em formulações estéticas, é o ponto de partida para o *Projeto Flutuador* (Figura 4). Uma pequena ilha que bóia, feita com material reaproveitado (garrafas plásticas de refrigerante), que pode ser remetida à *Estética da Gambiarra*, colocada pela crítica Lisette Lagnado, falando do imprevisto e dos materiais precários na arte contemporânea brasileira. Neste espaço flutuante o grupo propõe a participação plena. A apropriação e utilização do espaço são livres e pode abrir percepções sobre as formas de ocupação do espaço público. O GIA, repensando o espaço público urbano expande-o além do solo:

*O mar, aliás, foi o ponto de partida para a criação deste projeto, que surgiu a partir da percepção de que o mar, apesar de ser um território público, possui uma ocupação que permanece uma incógnita para a maioria das pessoas, que estão acostumadas com as formas “tradicionais” de ocupação do continente, muito bem delimitados pelas ruas, praças, prédios, cercas e muros. Soma-se a isso o fato de que cada vez mais restam menos áreas de lazer e de liberdade nas grandes cidades, em sua lógica de crescimento desenfreado (GIA, 2009).*

Envolto por uma conotação lúdica, o *Flutuador* amplia acessos a um “outro” espaço e faz com que as pessoas que ocupam esse espaço trabalhem formas de convivência, já que para o Grupo:

*É objetivo também deste projeto levantar questões acerca da liberdade de utilização dos espaços públicos já que nenhuma regra existe neste ambiente, que é*

temporariamente gerido pelas pessoas no instante em que elas o ocupam (GIA, 2009).



Figura 4. O Projeto Flutuador, na praia do Porto da Barra, em Salvador – BA (GIA, 2008)

A inserção de um equipamento feito artesanalmente na conhecida praia Porto da Barra, que fica no centro da cidade do Salvador, não só abordou formas de ocupação dos espaços, como atraiu banhistas que estavam na praia naquele momento. A liberdade, a autonomia, a troca de experiência, as sensações direcionaram a intervenção que culminou numa experiência estética, através da estesia, na proporção do que Deleuze e Guattari (1992) definem como um *bloco de sensações*.

### Conclusão

A percepção do espaço urbano com suas múltiplas camadas e ligações é o botão detonador das formulações criativas do GIA. As relações de convivências são resgatadas de forma poética sem estereótipos. A concepção e a realização de espaços vivenciais, em meio a improvisos, mostram uma verdade nas propostas e no convívio humano. É a relação arte-vida sendo atingida na sua essência. É o que torna fundamental, em muitos trabalhos, a co-autoria, que demanda ao público não só a participação, mas a criação, num contínuo *exercício experimental de liberdade*, como o crítico Mario Pedrosa se referiu à arte contemporânea brasileira. O GIA tem sempre a espontaneidade, o lúdico e a ironia como disseminadores de conteúdo e de questionamentos, de proposições estéticas que fazem refletir sobre o espaço público, a cultura das ruas e as relações humanas. ●

### Referências

- Ardene, Paul (2002). *Un art contextuel*. Paris: Champs Art. ISBN: 978-20812-2513-8
- Deleuze, Gilles e Guattari, Félix (1992). *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34. ISBN: 85-85490-02-0
- Fonseca, Cacá e Rocha, Edu (2008). *Lona amarela: tem GLA no espaço urbano*. [Consult. 2009-12-07] Relato. Disponível em <URL: [http://www.corpocidade.dan.ufba.br/dobra/03\\_05\\_ensaio.htm](http://www.corpocidade.dan.ufba.br/dobra/03_05_ensaio.htm)>
- GIA (2005/09). [Consult. 2009-12-10] Fotografia. Disponível em <URL: <http://giabahia.blogspot.com/>>
- Herewith Museum Het Domein (2009). Exposição *Brazilian Summer, Art & the City*. [Consult. 2009-12-15]. Disponível em <URL: <http://www.hetdomein.nl>>
- Lefebvre, Henri (2001). *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro. ISBN: 978-8588208-97-1

Oiticica, Hélio (1967). Catálogo: *Nova Objetividade Brasileira*. Rio de Janeiro: MAM- RJ.

QG do GIA (2008/09). [Consult. 2009-12-07] Fotografia. Disponível em <URL: <http://www.qgdogia.blogspot.com/>>

QG do Pelô (2009). [Consult. 2009-12-08] Fotografia. Disponível em <URL: <http://qgdopelo.blogspot.com/>>